2
TEORIA DA ATIVIDADE

Em nosso trabalho, temos como objeto de estudo os aspectos multimodais do QBI inserido no contexto da atividade de EILE. Portanto, faz-se necessário que, primeiramente, apresentemos uma configuração estruturada do conjunto de ações e operações realizadas pelo sujeito-professor na manipulação desse artefato tecnológico para, em seguida, expormos a maneira como esse mesmo instrumento constitui-se de itens multimodais, juntamente com sua função mediadora para realização dos objetivos docentes.

Tendo isso em mente, precisamos de uma teoria que nos forneça não somente as ferramentas analítico-descritivas, mas que também circunscreva, defina e sistematize os termos *"mediação"* e *"atividade de ensino"* em nossa investigação. Por conseguinte, estabelecemos a Teoria da Atividade como uma de nossas bases teóricas principais, haja vista um de seus pressupostos basilares considerar a existência de *mediação* na relação entre os seres humanos e ferramentas tecnológicas, conforme argumentam Kaptelinin & Nardi (2006, p.10):

> Na Teoria da Atividade, as pessoas agem através da tecnologia. As tecnologias são desenvolvidas e usadas no contexto em que as pessoas possuem intenções e desejos. As pessoas agem como sujeitos no mundo, construindo e instanciando suas intenções e desejos por meio de objetivos. A Teoria da Atividade entende a relação entre as pessoas e suas ferramentas como sendo mediadas: as ferramentas servem de instrumentos mediadores entre as pessoas e o mundo[10].

Ou seja, para que os seres humanos atinjam o objetivo de uma determinada atividade, os mesmos utilizam instrumentos para os auxiliarem nesse sentido. Barbosa & Silva (2010, p. 71) complementam esse raciocínio:

> A relação de um indivíduo com um objetivo é mediada por instrumentos que são utilizados para atingir o objetivo, pela comunidade que participa da atividade e pela divisão de trabalho que existe nessa comunidade.

[10] "In activity theory, people act with technology; technologies are designed and used in the context of people with intentions and desires. People act as subjects in the world, constructing and instantiating their intentions and desires as objects. Activity theory casts the relationship between people and tools as one of mediation; tools mediate between people and the world".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

Em nosso caso, pretendemos expor, inicialmente, como o QBI se interpõe entre o sujeito-professor e seus objetivos para, posteriormente, mostrar a multimodalidade existente nesse cenário.

Entretanto, antes de lançarmos mãos desse arcabouço teórico, torna-se importante o entendimento de dois elementos-chave: a *teoria* em si, ou seja, os princípios fundamentais que servirão de pano de fundo neste trabalho e o próprio *conceito de atividade*, sob o qual todo o sistema se organiza. Desse modo, trabalhamos nos itens subsequentes as características concernentes a esses elementos.

2.1
Fundamentações teóricas

A Teoria da Atividade circunscreve uma "abordagem interdisciplinar às ciências humanas cuja origem remonta à escola de psicologia histórico-cultural russa iniciada por L. S. Vygotsky, A. N. Leontiev e A. R. Luria no início do século XX"[11] (Engeström, 1999, p.1). Nesse sentido, o entendimento dos principais componentes dessa teoria, suas inter-relações, limites e possibilidades, requer uma breve exposição das contribuições dos estudiosos supracitados.

Segundo Oliveira (2009, p.22-25), a perspectiva oferecida pela psicologia histórico-cultural almejava preencher uma lacuna existente com relação ao funcionamento e desenvolvimento da mente humana. Duas linhas de raciocínio distintas, no início do século XX, *a psicologia como ciência natural* e *a psicologia como ciência mental*, promoviam constantes pesquisas e buscavam, respectivamente, a descrição de fenômenos inerentemente externos e internos à mente. Desse modo, enquanto a primeira procurava explicar os comportamentos *não-intencionais*, a segunda preocupava-se basicamente com os de ordem *intencional*.

Conforme o exposto no parágrafo anterior, nota-se que as duas tendências possuíam focos diferentes e não complementares. Com o intuito de uni-las, Vygotsky e seus colaboradores, Luria e Leontiev, propuseram uma teoria

[11] "Activity theory is an interdisciplinary approach to human sciences that originates in the historical-cultural psychology school, initiated by Vygotsky, Leont´ev, and Luria."

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

alternativa, a psicologia histórico-cultural, uma *síntese* entre essas vertentes predominantes naquele momento. Esse novo olhar, orientado pelo *conceito de síntese*, corresponde ao primeiro pilar da Teoria da Atividade, exposto em detalhes no parágrafo a seguir, e ser-nos-á muito útil na compreensão de como o QBI promove a criação de textos multimodais.

De acordo com Vygotsky (1989), a ideia de síntese *não* corresponde à soma ou justaposição de elementos, um mero agregar de valores. A nova proposta traduz a concepção de síntese como uma *ação recíproca* entre elementos que *gera algo novo,* anteriormente inexistente. "Esse componente novo não estava presente nos [componentes] iniciais: foi tornado possível pela interação entre [eles], num processo de *transformação que gera novos fenômenos*" (Oliveira, 2009, p.23). Através desse novo recorte, Vygotsky possibilitou a integração entre os dois panoramas da psicologia na época, além de constituir a ideia seminal (ou *primeiro pilar*) que orienta todo o sistema da Teoria da Atividade:

> *Pressuposto$_1$: o fruto da interação entre elementos em uma atividade corresponde à síntese dos mesmos, um elemento novo, previamente ausente*.

Por exemplo, na atividade de EILE em nossa pesquisa, consideramos como um de nossos focos investigativos a interação entre o sujeito-professor e o conjunto de ferramentas disponibilizadas pelo QBI. Estas se constituem de uma vasta gama de recursos visuais, imagéticos, textuais, sonoros e dinâmicos que podem ser integrados, adaptados e manipulados de acordo com o interesse do professor e conteúdo a ser trabalho em sala de aula.

Além disso, estão concomitantemente presentes e constituem a matriz-base para a criação de múltiplas semióses: 1) os modos comunicativos no espaço de sala de aula – o discurso oral e escrito, ações performativas do sujeito-professor em sua interação com os alunos e uso do QBI; 2) a visualidade permeada por instrumentos distintos como imagens, figuras, gráficos, diagramas, textos em formatos e cores diferentes, efeitos de transição, vídeos, etc. Nesse sentido, conforme veremos mais adiante, a interação entre todos esses elementos terá como força resultante, ou *síntese*, *um texto com características inerentemente multimodais*, anteriormente *inexistente*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

Outro aspecto importante a ser incluído nesse novo olhar refere-se à contextualização do homem como ser social. De acordo com Sforni (2004, p.31), Vygotsky postula que o ser humano é moldado no conjunto das práticas sociais da cultura a qual pertence. A autora ainda complementa essa ideia, ao afirmar que "o mais importante nessa compreensão do desenvolvimento humano é o postulado segundo o qual *a forma* e *o modo* de desenvolvimento dependem da natureza das experiências sociais" [12]. Nesse momento, encontramos o *segundo pilar* da Teoria da Atividade:

> *Pressuposto$_2$: as ações e formações humanas se dão de modo social, ou seja, o ser humano é parte integrante de uma sociedade [ou comunidade] específica, a qual lhe fornece os subsídios culturais para sua integração na mesma.*

Exemplos típicos de recursos ou *subsídios sócio-culturais* que promovem a integração entre o ser humano e a comunidade são os *gêneros.* Para Swales (1990, p.58):

> Eles compreendem uma classe de eventos comunicativos, incluindo os membros da comunidade que *compartilham* um *conjunto de propósitos comunicativos*, os quais são reconhecidos pelos especialistas da comunidade discursiva e constituem a lógica dos gêneros. *Essa lógica modela a estrutura esquemática do discurso, influencia e restringe as escolhas ligadas a conteúdo e estilo*[13].

Assim, na atmosfera de sala de aula em que o QBI se encontra presente, os gêneros compartilhados entre o corpo docente e os alunos devem ser levados em consideração, pois terão um papel fundamental durante a concepção de uma aula e sua execução. Gêneros típicos ao contexto de nossa pesquisa compreendem os de *natureza pedagógica*, característicos ao ambiente de sala de aula, tais como esquemas de trabalho, planos de aula, manual do professor (com orientações sobre a metodologia e filosofia de ensino adotadas pela instituição), materiais didáticos,

[12] Sforni (2004, p. 33).
[13] "A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are shared by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale of the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

exercícios de fixação, testes, provas, etc. Tudo isso, de certa forma, tem que ser levado em consideração durante todo o processo de elaboração e execução de uma aula.

Freedman[14] (1994, p.764) "interpreta-os [os gêneros] como ações tipificadas em resposta a contextos sociais recorrentes". Ou seja, os gêneros nos ajudam a classificar, interpretar e contextualizar as *atividades humanas*, *orientando nossas ações*. "São como formas de vida, maneiras de ser, molduras para ações sociais" [15](Bazerman, 1994, p. 79). Conforme Berkenkotter & Huckin[16] (1995, p. 151) atestam:

> Em qualquer ambiente, como por exemplo, *a sala de aula*, um laboratório ou uma sala de conferência, *eventos*, como nós os entendemos, *são configurados* no tempo e no espaço. Nossas *noções* de *como agir* em cada um desses contextos tomam a forma de *respostas socialmente tipificadas*: o que nós devemos fazer em um determinado momento e cenário... Nós descrevemos tais respostas tipificadas aos eventos que ocorrem no tempo e no espaço como *gêneros*.

Estabelecendo um paralelo com o objetivo deste trabalho, vemos que o sujeito-professor tem suas ações contextualizadas nas práticas sociais da comunidade docente a que pertence, a renomada instituição de ensino em nosso caso, sendo uma das prerrogativas nesse meio o uso do QBI como ferramenta mediadora. Nos capítulos seguintes, ao tratarmos dos aspectos multimodais presentes no QBI, veremos que os gêneros existentes nesse ambiente são predominantemente multimodais e como os mesmos interferem de modo significativo no conjunto de práticas docentes.

Uma reflexão vital diante do exposto até o momento abrange justamente a interação entre o ser humano, o meio físico e social. Essa atuação do homem em sociedade corresponde a uma atitude *não passiva*, ou seja, suas ações transcorrem de modo intencional e consciente, orientadas por um objetivo específico, quer seja este unicamente individual ou compartilhado em comunidade. Isso posto, apresentamos a seguir o *terceiro pilar* da Teoria da Atividade:

---

[14] "… genres are best understood as … typified actions in response to recurring social contexts".
[15] "… forms of life, ways of being, frames for social action".
[16] "Within any social setting such as a school classroom, a laboratory, or a corporate conference room, events, as we understand them, are configured within time and space. Our notions of how to act in each of these contexts take the form of socially typified responses: what we are supposed to do at this moment, in this setting… we have described these typified responses to events that recur over time and space as genres".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

Pressuposto$_3$: as ações humanas, além de sociais, são inerentemente intencionais, conscientes e motivadas, orientadas para realização de um determinado objetivo, quer seja este individual ou coletivo.

Em concordância com a finalidade desse trabalho, entendemos que as ações do sujeito-professor são motivadas pelo objetivo de EILE e mediadas pelo QBI, de forma multimodal. Tudo isso vai de encontro às bases teóricas do sistema da Teoria da Atividade, pois "é o realizar de uma atividade dentro de uma rica matriz de pessoas e de artefatos que fundamenta a análise".[17]

Complementar ao exposto anteriormente, Vygotsky (1989) afirma que essa relação entre o individual e o social é de suma importância para o ser humano, defendendo a ideia de que este se desenvolve sócio-historicamente, uma vez que a cultura que permeia a sua existência também lhe serve como elemento constituinte de sua própria natureza.

Por conseguinte, ambos o seu desenvolvimento e atuação não podem ser vistos descontextualizadamente, de forma abstrata e/ou universal. Antes, suas experiências com os membros da comunidade influenciam, de certa forma, a maneira pela qual ele subjetivamente ordena e interpreta o real. Nesse sentido, o tratamento de questões culturais engloba, essencialmente, noções de *valor*.

Heranças culturais existentes em uma determinada comunidade, como os instrumentos, carregam em si valores e funções pré-estabelecidos, além de representarem os avanços tecnológicos que uma sociedade foi capaz de atingir. De acordo com Kuuti (1995, p.21), "artefatos têm sido criados e transformados durante o desenvolvimento de uma atividade e carregam em si uma determinada cultura – vestígios históricos desse desenvolvimento" [18]. Em nosso caso, o QBI configura um aprimoramento exponencial de ferramentas anteriores, como os quadros negro, branco e portátil (*flipchart*), retroprojetores e transparências, dentre outros, sendo capaz de desempenhar e incluir todas as funcionalidades que seus predecessores viabilizavam, além de muitas outras.

[17] "In activity theory, it is the doing of the activity in a rich social matrix of people and artifacts that grounds the analysis". (Kaptelinin & Nardi, 2006, p.9)

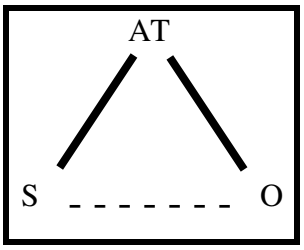
[18] "Artifacts themselves have been created and transformed during the development of the activity itself and carry with them a particular culture — historical remains from that development".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

Segundo Betcher & Lee (2009, p. 10), "a natureza versátil do QBI significa que os professores podem manipular os recursos tecnológicos pré-existentes de uma maneira tão fácil quanto as milhares de ferramentas que o QBI oferece" [19]. Essa possibilidade de integração entre tecnologias anteriores e atuais é possível graças à vivência em sociedade, como bem fundamente Sforni (2004, p.34):

> O homem, além de poder construir intencionalmente os instrumentos, transmite socialmente suas funções. Cada membro da espécie recebe do seu meio social um legado de desenvolvimento histórico e cultural que está plasmado nos instrumentos disponíveis. Estes permitem novas ações sobre novos objetos e a criação de novos instrumentos.

Uma das funções oferecidas pelos artefatos tecnológicos é a capacidade de mediação, ou seja, eles se inserem entre o agente da atividade (sujeito) e a finalidade desta (objetivo), auxiliando-o na execução de suas ações. Dessa forma, toda atividade mediada tem seu objetivo atingido *indiretamente*. A Figura 1 a seguir, moldada a partir de Vygotsky (1989), ilustra essa situação:



Legenda:

S = sujeito (agente da atividade)

AT = artefato tecnológico mediador

O = objetivo da atividade

Figura 1 – Ilustração de uma atividade mediada

De acordo com a figura acima, as ações desempenhadas pelo agente da atividade (S) visando alcançar seu objetivo (O) não são empreendidas de forma direta, o que está evidenciado pelo formato intermitente da linha (- - -) situada entre (S) e (O). Entretanto, para que o sujeito da atividade possa atingi-lo, há a utilização de um artefato mediador (AT), que o ajuda nesse sentido, o que pode ser verificado através da forma contínua das linhas (—) que saem de (S), passam pelo elo intermediário (AT) e finalmente chegam até (O). Assim, "as relações

[19] "The versatile nature of the IWB means that teachers can use their existing resources just as easily as they are able to explore the myriad of new one".

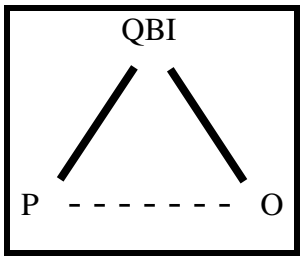
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

entre os elementos de uma atividade não são diretas, mas mediadas"[20] (Kuuti, 1995, p. 21).

A partir dessas informações, podemos introduzir o *quarto* pilar da Teoria da Atividade:

> *Pressuposto$_4$: No sistema da Teoria da Atividade, os artefatos tecnológicos desempenham uma função mediadora ao auxiliarem o agente da atividade (sujeito) na realização de seu objetivo (objetivo da atividade).*

Em vista do que expusemos nos parágrafos anteriores, podemos visualizar tanto o papel quando o contexto em que o QBI se apresenta em nossa pesquisa. Adaptando as informações presentes na Figura 1 acima, tem-se a seguinte configuração:



Legenda:

P = sujeito-professor (agente da atividade)

QBI = artefato tecnológico mediador

O = objetivo da atividade (EILE)

Figura 2 – Representação visual da função do QBI como ferramenta mediadora

Conforme a Figura 2 nos mostra, para que o sujeito-professor (P) consiga efetivar o objetivo de sua atividade (O), o EILE, o mesmo lança mão do QBI, que desempenha um papel mediador nessa configuração.

Finalmente, estamos em condições de expor o *quinto* e último *pilar* da Teoria da Atividade:

> *Pressuposto$_5$: a ação do homem, além de ser intencional e contextualizada, é motivada, ou seja, há um propósito pré-definido que o impulsiona, sendo feita através do uso de artefatos mediadores, visando a um determinado objetivo.*

[20] "Thus relations between elements of an activity are not direct but mediated…"

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

Kaptelinin & Nardi (2006, p.32, 34 e 60) resumem, portanto, o que acabamos de expor acima:

1. Na Teoria da Atividade, qualquer atividade deve ser entendida como uma *atividade do sujeito*[21];
2. A Teoria da Atividade exige que o escopo de análise compreenda não um conjunto de tarefas *de per si*, mas um contexto significativo de interação do sujeito com o mundo, fato este que inclui *o contexto social*[22];
3. Os sujeitos vivem no mundo; eles possuem necessidades que somente podem ser supridas ao assumirem suas funções e agirem no mundo[23];
4. Consequentemente, as causas das ações humanas são baseadas na motivação em se atingir um determinado objetivo[24].

Tendo em vista o todo apresentado até o momento, organizamos os pilares da Teoria da Atividade, com seus respectivos pressupostos, na Tabela 1 abaixo:

	Teoria da Atividade	
	Pilares	**Pressupostos**
1	Conceito de Síntese	O fruto da interação entre elementos em uma atividade corresponde à síntese dos mesmos, um item novo, previamente ausente.
2	Contexto Social	As ações e formação humanas se dão de modo social, ou seja, o ser humano é parte integrante de uma sociedade [ou comunidade] específica que lhe fornece os subsídios culturais para sua integração na mesma.
3	Objetivo	O objetivo de uma atividade é o que norteia e justifica o conjunto de ações empreendidas pelo sujeito-agente. Constitui a finalidade principal de suas operações em um contexto específico. *O objetivo é de ordem exterior, acional- performativo.*
4	Mediação	No sistema da Teoria da Atividade, os artefatos tecnológicos desempenham uma função mediadora ao auxiliarem o agente da atividade (sujeito) na realização de seu objetivo (objetivo da atividade).
5	Motivação	A ação do homem, além de ser intencional e contextualizada, é motivada, ou seja, *há um propósito e necessidade pré-definidos que o impulsionam*, sendo feita através do uso de artefatos mediadores. *A motivação é de natureza interior, subjetiva.*

Tabela 1 – Os cinco pilares da Teoria da Atividade e seus respectivos pressupostos

[21] "In activity theory, any activity is an activity of the subject". (Ibid., p. 32).
[22] "Activity theory requires that the scope of analysis be extended from tasks to a meaningful context of a subject´s interaction with the world, including the social context". (Ibid., p. 34).
[23] "Subjects live in the world; they have needs that can be met only by being and acting in the world". (Ibid., p.32).
[24] "Therefore, according to activity theory, the ultimate cause behind human activities is needs". (Ibid., p. 60).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

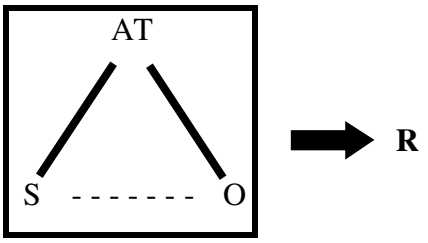
Cabe aqui uma observação importante: nosso panorama de estudos tange o estudo de questões relacionadas ao ***ensino*** *de inglês como língua estrangeira* através do uso do QBI. Consequentemente, aspectos inerentemente ligados ao ***aprendizado*** não foram contemplados nesse estudo em maiores detalhes, embora saibamos que a atuação dos interlocutores no ambiente de sala de aula (os alunos) seja um constituinte relevante. Nosso interesse primordial com relação à perspectiva docente reflete nossas próprias experiências na função de professores, reflexões e questionamentos sobre a eficiência e eficácia na utilização do QBI como ferramenta mediadora no EILE. Assim sendo, buscamos averiguar ***o olhar*** do sujeito-professor com relação a esse artefato tecnológico mediador e de que maneira ele, o QBI, interfere no conjunto de suas atividades de ensino.

Depois de trabalhadas as fundamentações teóricas de nosso objeto – a teoria em si ou primeiro elemento-chave, estamos aptos para iniciar o tratamento do *conceito de atividade* – o segundo elemento-chave, fruto de investigações embasadas nos pressupostos básicos do pensamento Vygotskiano, desenvolvidas por seus principais colaboradores, Luria e Leontiev.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

2.2
O conceito de atividade

O embrião do conceito de atividade jaz na abordagem teórica sugerida por Vygotsky (1989), que postula a utilização de instrumentos mediadores, ou seja, a presença de uma *atividade mediada*, na ação recíproca entre *o sujeito-homem* e o *meio físico e social* a que pertence, visando à realização de um determinado objetivo. Complementar a esse raciocínio, vimos através do conceito de síntese que *a interação entre os elementos constituintes gera algo novo, anteriormente inexistente*. A Figura 2 a seguir, moldada a partir de Engeström (1999) ilustra esse fato de uma forma superficial:



Legenda:

S = sujeito (agente da atividade)

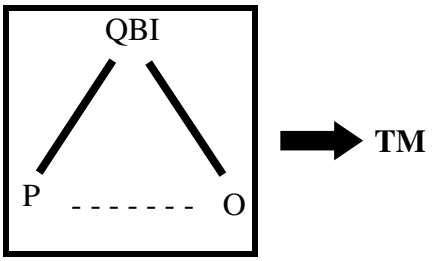
AT = artefato tecnológico mediador

O = objetivo da atividade

R = resultado da interação entre o *sujeito* e o *artefato tecnológico mediador*

Figura 3 – Configuração da interação entre o agente da atividade (sujeito) e o artefato tecnológico mediador (AT) juntamente com o resultado produzido.

Em relação a nossa pesquisa, os integrantes envolvidos na atividade de EILE são o sujeito-professor e o QBI. Mantendo-se a mesma linha de raciocínio do parágrafo anterior, *espera-se que a interação entre eles também produza um elemento novo*. Readaptando a Figura 3 à nossa finalidade, obtemos o seguinte resultado, mais específico aos propósitos deste trabalho:



Legenda:

P = sujeito-professor (agente da atividade)

QBI = artefato tecnológico mediador

O = objetivo da atividade (EILE)

TM = texto multimodal

Figura 4 – Representação visual da interação entre o sujeito-professor com o QBI e seu respectivo resultado – um texto multimodal.

Ao analisarmos a Figura 4, observamos o surgimento de um elemento anteriormente inexistente, *um texto multimodal* (TM), fruto de uma atividade mediada com o QBI, que promove a interação ou ligação entre o sujeito-professor (P) e objetivo da atividade (O), o que, novamente, está evidenciado pela linha de formato contínuo (**—**) que vai de (P), passa pelo (QBI) e chega até (O). A linha de formato não contínuo (- - -) representa que o objetivo não é alcançado de forma direta. Nos capítulos seguintes, trabalharemos essas informações com maiores detalhes.

Os desdobramentos do conceito de síntese, resultado do pensamento de Vygotsky, foram ampliados por seus principais colaboradores, Luria e Leontiev, através de propostas de trabalho distintas: a atividade consciente (Luria, 1979) e desenvolvimento de uma teoria sobre as atividades humanas (Leontiev, 1978).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

Luria (1979) tem como foco investigativo a exploração da estrutura e organização do cérebro, orientado pela premissa de que este se configura *sistêmico-funcionalmente* em três grandes unidades. A primeira corresponde à *regulação da atividade cerebral e do estado de vigia*; a segunda trata do *recebimento, análise e armazenamento de informações*; finalmente, a terceira cobre a *programação, regulação e o controle da atividade*. De forma resumida, elas operam *simultaneamente* e possuem, respectivamente, as seguintes funções dentro do sistema: 1) manutenção da atividade cerebral em um nível adequado e devido ajuste desta, caso haja mudança de comportamento; 2) percepção, interpretação e armazenamento de informações oriundas do mundo externo; 3) controle das ações físicas e mentais do indivíduo sobre o ambiente.

Por fim, de acordo com Oliveira (2009, p. 87-90), Luria sintetiza e postula que a *atividade consciente* do homem apenas começa com a obtenção da informação e sua elaboração, terminando com a formação das *intenções* do respectivo programa de *ação* e com a *realização* do mesmo em *atos exteriores* (motores, ou seja, *objetivos*) ou *interiores* (mentais, isto é, *subjetivos*), enfatizando a necessidade desse aparelho especial – o cérebro, capaz de criar e manter as *intenções motivadoras*, elaborar programas de *ação* a elas correspondentes, realizá-los nos devidos *atos* e, primordialmente, acompanhar as ações em curso, comparando o *efeito* da ação *exercida* com as *intenções iniciais*. A importância das contribuições de Luria em nossa pesquisa diz respeito a um dos pressupostos da própria Teoria da Atividade que mencionamos anteriormente: *as ações do sujeito da atividade se dão de forma consciente*. Assim, incluímo-las neste capítulo apenas com o propósito de melhor explicarmos o que esse cabedal teórico entende por *"atividade consciente"*. Além disso, o trabalho introspectivo desenvolvido por Luria proporcionou a seu contemporâneo e também colaborador de Vygotsky, Leontiev, os subsídios necessários à investigação da *atividade* humana enquanto *reação ativa*, construída *historicamente* e *mediada* por *instrumentos*, conforme exploraremos a seguir.

De acordo com Oliveira (2009, p. 99-101), Leontiev concebe as atividades humanas como formas de relação do homem com o mundo, dirigidas por *motivos*, por *fins* a serem alcançados, ou seja, o homem orienta-se por *objetivos*, age de forma *intencional*, através de *ações planejadas*, fruto de uma capacidade

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

consciente de *formular* e *perseguir* esses objetivos, dentro de um *sistema de relações sociais* e de *vida social*, em que o *trabalho* ocupa o lugar central.

Primeiramente, Leontiev (1978) estabelece que o *conceito de atividade* está *necessariamente* ligado ao conceito de *motivo*, ou seja, toda atividade carrega embutida em si aspectos concomitantemente *objetivos* e *subjetivos*. Desse modo, há um *aspecto motivacional*, uma *necessidade subjetiva* para que ela ocorra e um *caráter objetivo* da mesma, isto é, *certo número de procedimentos performativos* orientados para sua realização.

Uma vez que toda atividade estrutura-se sistemicamente, há uma rede de relações entre os seus elementos que os distribui hierarquicamente. Nesse sentido, o plano configuracional desse sistema arquiteta-se mediante um conjunto de *ações* específicas, guiadas por *metas*, as quais só poderão ocorrer de acordo com *condições* intrínsecas ao meio. Este, então, viabilizará as informações essenciais para elaboração das respectivas *operações* ou *métodos* com o intuito de o objetivo maior ser finalmente atingido.

Considerando as informações acima expostas, observamos que a configuração de uma atividade deve incluir tanto o sujeito-homem como também seu ambiente (o meio), *culturalmente* definido, pois a ação individual em si mesma e por si mesma é insuficiente como única unidade de análise: somente através da inserção de um *sistema coletivo de atividade* é que essa ação possui significado. Entendemos, por conseguinte, a razão pela qual Leontiev elege o *trabalho* como elemento central: são justamente as experiências nesse *sistema coletivo* que garantem ao individuo a assimilação, prática e utilização dos artefatos tecnológicos compartilhados entre os membros de sua sociedade; são esses instrumentos mediadores, interpostos entre o trabalhador e o seu objeto de trabalho, que trazem em si informações de ordem sócio-cultural e histórica. De forma sinóptica, conclui Oliveira (2009) que o trabalho, pela ação transformadora do homem, cria a cultura e história humanas, além de promover tanto o desenvolvimento da atividade coletiva (portanto, as relações sociais) quanto a criação e a utilização de instrumentos.

Os parágrafos anteriores nos forneceram os subsídios-base para o *conceito* em estudo. Desse modo, podemos definir o termo *atividade* como:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

Definição$_1$: Uma atitude intencional, consciente e voluntária, motivada por uma necessidade específica; a mesma é operacionalizada através de ações ou modos específicos de atuação planejados e orientados por metas e encapsulados em operações; estas abrangem os aspectos práticos da realização das ações dentro das condições impostas para sua operatividade, sob um contexto sócio-cultural determinístico.

As Figuras 5 e 6 abaixo, moldadas a partir de Kaptelinin & Nardi (2006), expõem tanto a dimensão hierárquica quanto os elementos e suas orientações na execução de uma determinada atividade, conforme o sugerido em Leontiev (1978):

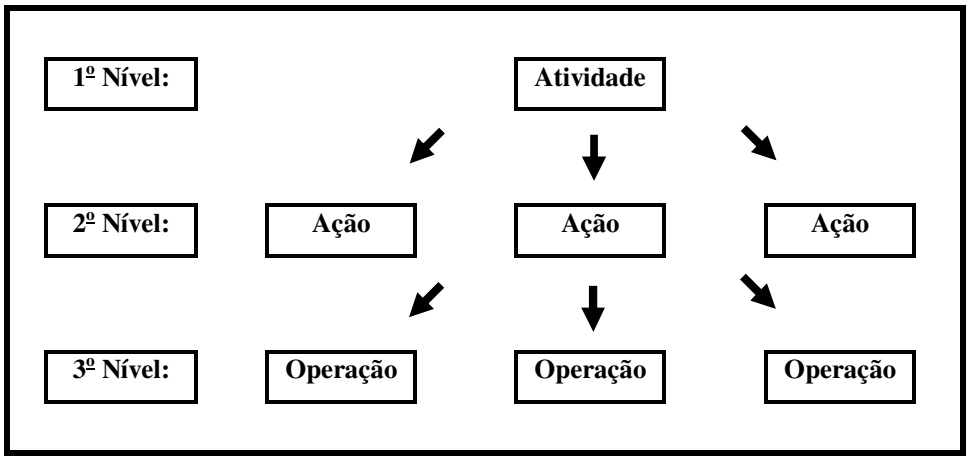


Figura 5 – Estrutura hierárquica de uma *atividade*

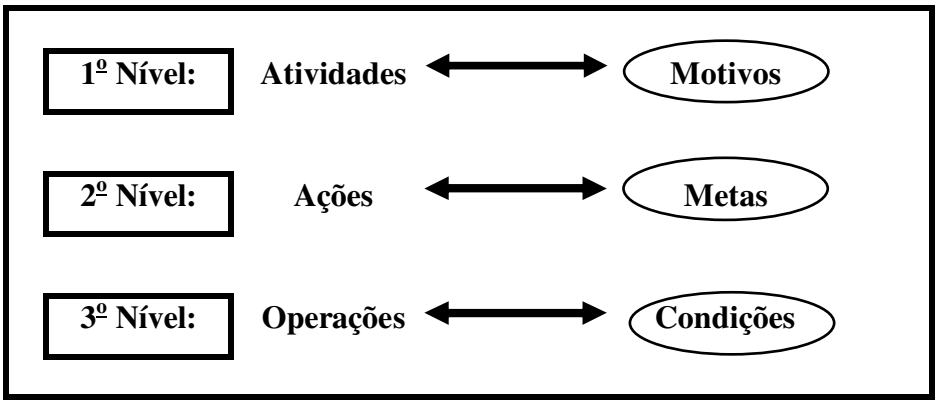


Figura 6 – Elementos constituintes de uma atividade. Nesse sistema, as atividades são compostas por ações, as quais se constituem de operações. A esses três níveis correspondem, respectivamente, suas orientações: os motivos, metas e condições, segundo as setas bidirecionais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

Conforme ilustram as figuras acima, há três níveis hierárquicos distintos - 1º, 2º e 3º níveis, organizados de acordo com o propósito da atividade. A atividade subdivide-se em ações e estas, em operações. O *motivo* ou o propósito específico da *atividade* em si (1º Nível) determinará, inicialmente, as configurações dos demais subitens.

Uma vez delimitadas as intenções iniciais, faz-se necessária a elaboração de um plano de ação, uma sequência logicamente e sistemicamente ordenada para que a atividade atinja seu objetivo precípuo. Essas *ações* (2º Nível) constituem-se de *metas* específicas que, ao serem atingidas, culminarão com a realização do propósito da atividade. Entretanto, elas estão condicionadas aos limites e possibilidades impostos pelo meio, isto é, para que as mesmas sejam alcançadas, há a necessidade de estratégias de atuação que considerem as *restrições* que o meio oferece. Finalmente, respeitando as condições existentes na hierarquia, chega-se ao plano operacional (3º Nível), que abrange a performance física do homem no meio social.

A prática de uma determinada atividade, em uma rica matriz social e instrumental, corresponde, enfim, ao plano de estudos investigativos propostos pela Teoria da Atividade.

Nos capítulos seguintes, mostraremos como essa hierarquia encontra-se estruturada no contexto de nossa pesquisa, as redes de relações existentes entre cada elemento dentro do sistema e como o QBI atua como ferramenta mediadora no EILE e promove a criação de textos multimodais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA

2.3 Resumo

Neste capítulo, foram apresentados os fundamentos que sustentam a Teoria da Atividade, através de uma releitura de seus principais teóricos, Vygotsky (1998), Luria (1979) e Leontiev (1978). Outros autores contemporâneos, Oliveira (2009), Sforni (2004), Kuuti (1995) e Kaptelinin & Nardi (2006) forneceram detalhes complementares e elucidativos sobre terminologias e conceitos mais complexos. As noções de gênero, de acordo com as propostas de Swales (1990), Freedman (1994), Bazerman (1994) e

Berkenkotter & Huckin (1995) serviram de orientação para contextualização do conjunto de atividades docentes no escopo de nossa pesquisa.

Inicialmente, procuramos tratar da teoria em si, ou seja, o conjunto de pressupostos que norteiam o sistema, seus elementos e respectivos significados para, posteriormente, trabalharmos o conceito de atividade. Após um trabalho minucioso, circunscrevemos o conceito que o vocábulo *atividade* desempenha neste trabalho: uma atitude *intencional, consciente* e *voluntária*, *motivada* por uma necessidade específica. Ela é operacionada através de *ações,* orientadas por *metas* e encapsulada em *operações*, que abrangem os aspectos práticos da realização das ações dentro das *condições objetivas* específicas. Tudo ocorre sob um contexto sócio-cultural e *mediado* por artefatos tecnológicos. A síntese da interação entre os itens constituintes corresponde à produção de algo anteriormente inexistente. Em nosso caso, afirmamos que *o resultado* da manipulação do QBI (artefato mediador) pelo sujeito-professor na execução de suas tarefas (atividade) corresponde a um *texto multimodal*. Essa ideia será trabalhada com maiores detalhes nos capítulos posteriores.

Uma vez estabelecidos e desenvolvidos detalhadamente os elementos-chave da Teoria da Atividade, estamos em condições de empreender a análise do QBI na função de *ferramenta mediadora na atividade docente de EILE*. Trataremos desse assunto com maiores detalhes no capítulo subsequente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912639/CA